

Há mais mulheres a planificar a gravidez

04 Novembro 2016



HÁ cada vez mais mulheres a fazer o uso de contraceptivos modernos e tradicionais, garantindo benefícios à sua saúde, da criança e da família, no geral. Dados divulgados recentemente pelo Ministério da Saúde, baseados no IMASIDA, indicam uma prevalência de 27 por cento de uso em mulheres dos 15 a 49 anos, sendo 25 por cento para métodos modernos e dois para os tradicionais.

Para garantir o maior uso destes métodos as autoridades da Saúde têm realizado diversas acções de sensibilização e consciencialização dos adolescentes e jovens sobre a necessidade de programar as gravidezes e o espaçamento entre os nascimentos.

Aliás, no âmbito do Dia Mundial da Contracepção, elegeram como lema: “À Primeira Vez Também Acontece. Proteja-Se da Gravidez”, com a finalidade de dotar os adolescentes e jovens que se tornarão mulheres e homens do futuro de conhecimentos e capacidade de fazer escolhas informadas que não comprometam o amanhã do país.

Francisco Mbofana, director nacional de Saúde Pública no MISAU, disse na altura que Moçambique se juntou em 2014 a esta iniciativa global lançada em 2007 para fazer face ao alto

índice de gravidezes entre adolescentes e a baixa prevalência de uso de contraceptivos modernos a nível mundial.

“Os métodos contraceptivos devem ser bem conhecidos e permitir aos jovens escolher opções que facilitem a vida e permitir um crescimento físico, psicológico, social e economicamente saudável. O planeamento familiar tem uma grande importância e há evidências claras que nos mostram que ao adoptarmos este método podemos proporcionar acesso à contraceção para as mulheres que querem adiar a próxima gravidez ou parar de ter filhos”, disse Mbofana, acrescentando que estes métodos têm um potencial de reduzir as gravidezes não planificadas em 73 por cento.

Disse também que com a utilização dos contraceptivos é possível reduzir as mortes maternas entre 25 e 35 por cento e os abortos provocados em 70 por cento, o que se acredita pode salvar muitas vidas.

“Se as mulheres tiverem os meios adequados para espaçar as gravidezes por um período de três anos poder-se-ia evitar a morte de 18 por cento de crianças que perdem a vida antes de completar o primeiro mês de vida e poderia se evitar também 24 por cento de mortes nas crianças antes de completar o primeiro ano. Estas práticas poderiam permitir igualmente evitar a morte de 35 por cento de crianças que sucumbem antes de completar cinco anos”, explicou, apontando também ganhos económicos no processo.

Falou de dividendos populacionais porque, segundo sua explicação, se as famílias planificarem devidamente em que momentos devem ter filhos estarão em melhor posição de lhes proporcionar uma boa educação, para mais tarde estes contribuírem para o desenvolvimento do país.

“Mas também importa dizer que um crescimento controlado da população tem impacto no fornecimento de serviços sociais, nomeadamente educação, saúde ou emprego. Estes serviços podem sofrer uma pressão muito grande se nós não conseguirmos ter um crescimento controlado da população”, sustentou.

AS CASADAS SÃO A MAIORIA



Dados avançados na ocasião dão conta que 25 por cento de mulheres casadas usa métodos modernos de contracepção, o que corresponde ao aumento em 14 pontos percentuais em relação a 2011, em que a utilização destes métodos não passava de 11 por cento.

Mbofana justifica a avaliação deste grupo porque se assume que uma vez casadas têm como resultados imediatos a procriação, daí que o controlo dos nascimentos nestas mulheres seja o indicador usado para avaliar a utilização dos métodos anticonceptivos.

Neste ano considera-se que cinco em cada dez mulheres casadas tinham uma demanda do planeamento familiar, o que significa que elas manifestaram vontade de aderir ao programa, onde algumas conseguem ter acesso, o que se considera que a sua necessidade está satisfeita e outras não.

“Tendo em conta a demanda e se fosse possível dar satisfação a todas consideraríamos que a cobertura em termos de planeamento familiar subiria de 25 para 50 por cento. Para conseguirmos subir esta fasquia direccionamos o nosso lema para este ano a jovens. É importante partilhar a prevalência do uso de métodos contraceptivos em mulheres não casadas, mas sexualmente activas e o inquérito de 2015 mostrou que 50 por cento destas mulheres usa métodos modernos contraceptivos. Neste grupo inclui-se as adolescentes e as jovens que ainda não estão casadas com uma actividade sexual activa. Neste aspecto podemos dizer que temos estado a registar progressos importantes porque num período de quatro anos duplicou o uso de contraceptivos”, congratulou-se Mbofana, mas deixou claro que as autoridades da Saúde ainda não estão satisfeitas em termos daquilo que seria o desejável.

Na sua opinião o Governo gostaria de ter no mínimo 70 por cento das mulheres casadas a usarem os métodos modernos, mas mesmo assim os resultados encorajam a continuação desta actividade.

COMUNICAÇÃO DEFICIENTE



Adolescentes jovens ouvidos pelo “Notícias” reconhecem que ainda há muito trabalho que deve ser feito na disponibilização de informações precisas sobre o planeamento familiar com vista a se prevenir gravidezes indesejadas, sobretudo na camada juvenil.

Justificaram alegando que alguns jovens ou adolescentes engravidam porque não têm conhecimento suficiente sobre os métodos contraceptivos. Muitos ouvem falar de amigas, por vezes na escola e raras vezes na família.

“Hoje mesmo para quem está na zona rural tem acesso à informação, através de rádio, televisão telefone, mas falta fazer o uso dessa informação na vida prática. Acho que havendo conversa e interação entre os mais novos e os adultos na família algo pode melhorar”, observou a aluna Valéria Joseph, 16 anos.

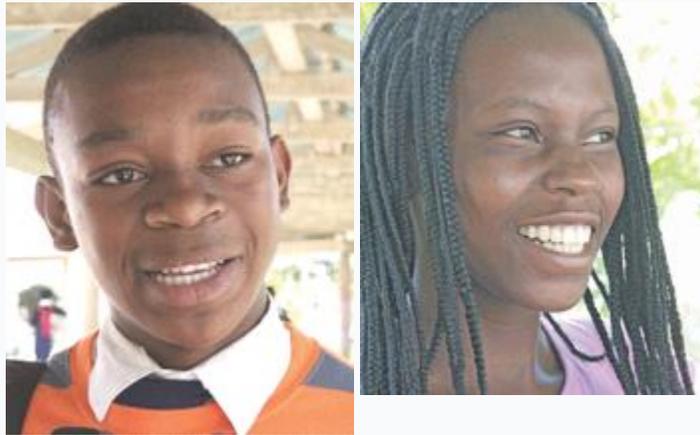
Argumentou ainda que alguns adolescentes ouvem e respeitam muito as informações dadas pelos pais do que uma outra pessoa que não seja da família.

“Fala-se de muitos métodos contraceptivos. Acredito que nem todos são adequados a todas as idades. Alguns dizem que o melhor método é o preservativo, outros falam que a menina deve apostar na pílula e não no DIU ou injeção, etc. Acho que a melhor pessoa para falar sobre este

assunto, em particular, e a da sexualidade, no geral, tem que ser uma pessoa próxima (mãe, pai, avó ou tia)”, acrescentou a adolescente.

Yúmina Boaventura, 16 anos, também é de opinião que os pais devem conversar sobre a sexualidade de forma aberta e clara com os filhos pois, segundo disse, só assim é que os adolescentes e jovens saberão planificar melhor as suas vidas, evitando engravidar antes de estarem preparados para encarar essa realidade.

PENSAR NAS CONSEQUÊNCIAS DA GRAVIDEZ INDESEJADA



Odesejo de iniciar o acto sexual sem antes estar preparado sobre as consequências que podem daí advir é outro factor apontado por Jacinto Djive, 15 anos, em como estando a contribuir para a ocorrência de gravidezes indesejadas.

“Experimentar coisas novas sem antes ser bem aconselhado pelos mais velhos sobre como fazer da melhor forma é um dos erros que nós adolescentes e jovens cometemos”, assumiu Jacinto.

Lamenta assistir a situações de algumas colegas que abandonam a escola ou são forçadas a estudar no curso nocturno por causa da gravidez.

“Na escola falamos de métodos de prevenção da gravidez. Há preservativos gratuitos e disponíveis, mas é difícil para mim dizer por que é que as pessoas não fazem o uso. Acho que os jovens precisam de ser bem orientados pelos pais”, disse Jacinto.

Para Luíde Jaime, 19 anos, as gravidezes na adolescência resultam da falta de conhecimentos sobre os diferentes meios de prevenção da gravidez.

“Em casa não se conversa sobre a sexualidade. Há pais que quando estão a assistir algum programa de televisão e surgem cenários íntimos mudam de canal. Acho que é no momento que eles deveriam chamar atenção aos filhos sobre o que é que aquele acto pode significar nas suas vidas”, defendeu a jovem, apelando ao diálogo permanente entre os pais e filhos.

<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/pagina-da-mulher/61496-ha-mais-mulheres-a-planificar-a-gravidez.html>